

# O Campo

Edição 7 • fevereiro • 2015

 Coopermota

## O SUCESSO DA COOPERSHOW

 Equipamento de  
pequeno porte muda  
a vida do horticultor

 Carnaval na roça  
e na avenida

# 25

Março, 2015

Quarta

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

COOPERADO  
AGENDE-SE:  
ASSEMBLÉIA GERAL  
DIA 25 DE MARÇO

 Coopermota

# TECNOLOGIA E VALORIZAÇÃO DO POPULAR

O desenvolvimento tecnológico em evidência, aliado à valorização da cultura popular regional. Estes dois motes estão presentes nesta edição da revista O Campo. Por um lado trazemos a repercussão das atividades realizadas no maior evento do agronegócio da região, a Coopershow. Neste quesito, conforme afirmaram os expositores, foi realmente um “show” de tecnologia, tendo demonstrações de máquinas de alta performance, tecnologias aplicadas em produtos e sementes, bem como tecnologia de comunicação e prestação de serviços.

A nona edição da feira representou um salto de crescimento desta iniciativa organizada pela Coopermota e deve ser a base para o seu contínuo desenvolvimento nos próximos anos. Com certeza, a 10ª edição, que será comemorativa devido ao alcance de uma década de realizações positivas, reunirá ainda mais empresas e apresentará mais novidades ao produtor rural, seja ele da área de grãos, cereais, máquinas, ou mesmo para aquele que simplesmente se interessa por pequenos equipamentos que o auxiliem no dia a dia.

Por outro lado, trazemos também nesta edição, demonstrações de valorização da cultura popular regional. O culto aos reis magos na festa de Folia de Reis sempre realizada no mês de janeiro é um dos exemplos dessa tradição que mistura fé e festejos, reunindo milhares de pessoas em uma das principais festas desse gênero. Posteriormente, lembramos o vínculo do carnaval com a cultura da roça, já que ainda no período da escravatura, a cantoria dos trabalhadores nas lavouras de café e algodão, entre outras, deu origem ao que se conhece de samba rural paulista, que se desdobrou em dezenas de cordões carnavalescos e posteriormente foi a base de formação das escolas de samba paulistanas.

Uma série de outras abordagens também poderão ser acompanhadas nesta edição, desde as análises de agrônomos e produtores sobre a colheita da soja e plantio do milho de segunda safra, às instruções sobre economia de energia, assunto importante em período de discussões sobre a situação energética do país. O leitor ainda terá nesta edição, informações sobre nutrição de cães e dados sobre o auxílio trazido a pequenos produtores por meio de equipamentos para o manejo do solo em atividades como a horticultura, entre outros.

Vale a pena conferir.

Boa leitura.

## ▲ Expediente

Publicação da Coopermota - Cooperativa Agroindustrial

EDIÇÃO/ REPORTAGENS E FOTOS  
Vanessa Zandonade Mtb 43 463/SP  
Colaboração Bruna Reis Mtb 55 404/SP

ARTE E DIAGRAMAÇÃO  
NOVAMCP Comunicação

IMPRESSÃO  
Magraf

TIRAGEM  
2000 exemplares

ANÚNCIOS  
Departamento de Comunicação Coopermota  
18 3341.9436/ 18 99163.0985

REPRESENTANTE COMERCIAL  
Guerreiro Agromarketing - Florianópolis  
Agromídia - São Paulo

REVISTA O CAMPO  
Av. da Saudade, 85  
Cândido Mota - SP

 Coopermota

PRESIDENTE  
Edson Valmir Fadel

VICE PRESIDENTE  
Antônio de Oliveira Rocha

DIRETOR SECRETÁRIO  
Sílvio Ap. Zanon Bellotto

## No caminho certo ... os resultados são positivos

Com a perspectiva de apresentar aos cooperados bons resultados da Coopermota na gestão de 2014, realizaremos em março mais uma Assembleia Geral Ordinária (A.G.O). O balanço já preparado para a ocasião com a prestação de contas àqueles que compõem o quadro de sócios deste empreendimento revela o crescimento que tivemos no último ano, a exemplo do que já constatamos e apresentamos à comunidade nos anos anteriores.

Os investimentos realizados em 2013 foram mantidos no ano passado, dando prosseguimento às ações que visavam o crescimento do capital da cooperativa e de seus associados.

As análises em relação ao mercado internacional no início do ano traçavam um 2014 com possibilidades de enfrentamento à uma série de dificuldades e o retardamento de investimentos no setor, porém, o que registramos foi uma produtividade excelente entre os produtores do Vale Paranapanema no milho de segunda safra, o que reverteu possíveis dados até então estimados como negativos. Estamos agora com a colheita da soja em andamento, seguida do plantio do milho de segunda safra.

A expectativa e o desejo da diretoria desta cooperativa é de que os produtores possam ter boa produtividade em seus empreendimentos e obtenham lucros para cada vez mais ampliar os investimentos no setor, valorizando o agronegócio e conseqüentemente dando condições de crescimento da nossa região.

Esperamos contar com o cooperado nesta ocasião para que este traga as suas análises pessoais sobre a cooperativa e contribua para a definição das ações que serão discutidas na A.G.O.

Participe!

**Edson Valmir Fadel**  
Presidente da Coopermota

## ▲ Sumário

05

Coopershow  
ampliada e aprovada

08

Coopershow  
Toneladas de carnes  
na churrasqueira

09

Coopershow  
Expositores aprovam a feira

12

Acelerar a colheita  
para o plantio do milho  
em tempo para o seguro

14

"Já troquei todas as lâmpadas  
do barracão" - questão energética

17

Colheita da safra:  
redução de produtividade,  
porém melhor do que em 2014

22

"Eu não volto pro enxadão" -  
pequenos equipamentos  
que auxiliam o produtor

25

Animais de estimação,  
membros da família

28

Peixe para consumo e para  
incremento da produção vegetal

31

Folia de Reis  
Devoção e cultura popular

35

Carnaval  
Do chão de terra batido das fazendas  
para os sambódromos

37

Bloco Carnavalesco  
Entre a roça e a festa

# Coopershow ampliada e aprovada

Foi unânime a avaliação positiva de expositores em relação à 9ª Coopershow, realizada pela Coopermota entre os dias 28 e 30 de janeiro

Após percorrer um túnel de quase 100 metros e passar por jardins em dois ambientes da entrada, Artur Mateus Giani, de Ipaussu, se depara com campos de milho e soja cultivados em área de demonstração de tecnologia do setor agrícola. Mais de 30 empresas realizaram diferentes cultivos neste setor, trazendo informações ao visitante da 9ª Coopershow sobre variedades e tratamentos para sementes, materiais com diferentes particularidades, produtos de fertilização e de controle de doenças e pragas, bem como diferentes tecnologias de auxílio ao desenvolvimento das lavouras. Giani é agricultor e busca na feira as novidades do mercado do milho de segunda safra, antes chamado de safrinha, plantada entre o final de fevereiro e o início de março na região. A feira é organizada pela Coopermota no seu Campo de Difusão de Tecnologia, situado em Cândido Mota e, neste ano, foi realizada entre os dias 28 e 30 de janeiro de 2015. Grande parte das empresas desta área dedicou espaços específicos para mostrar ao produtor os híbridos direcionados ao milho que deve ser cultivado neste período de segunda safra.

Além de variedades já conceituadas no mercado para a região, várias empresas realizaram o lançamento de novas opções de cultivo. Entre eles estiveram aqueles com características de ciclo rápido e inclusão de novas tecnologias, destinadas ao controle de pragas de raiz, como a larva alfinete, por exemplo. Além disso, foi recorrente a quantidade de empresas que trouxeram mais de uma opção no que se refere ao custo e investimento de produção e a adaptação da variedade para cada época de plantio e realidade de solo. Também foram trazidas para a feira, por várias empresas, a opção do milho convencional para uso na adoção do refúgio. Essa medida garante a permanência da tecnologia transgênica, evitando a resistência de pragas e foi defendida por vários expositores em busca do alerta aos produtores para a necessidade desta iniciativa. “Não é por conta do refúgio que haverá perda de produtividade”, enfatizava a grande maioria dos consultores e profissionais que atuou na demonstração de seus materiais aos agricultores. A garantia é de que os convencionais também estão incluídos entre aqueles com alto teto produtivo e que atendem às diversas condições climáticas e de solo da região.



Em alguns casos, o híbrido convencional destinado ao refúgio foi apresentado com custo reduzido em até 30% sobre o valor da saca. “Esta é uma forma da gente readaptar o agricultor para fazer o refúgio e assim mantermos a tecnologia vigente. Para lançar uma nova tecnologia são necessários muitos anos de pesquisa. Se por exemplo uma tecnologia é desenvolvida hoje vai demorar cerca de oito anos para ela chegar no mercado. Como até hoje não temos novas tecnologias contra a lagarta, os recursos tecnológicos atuais têm que ser mantidos por pelo menos oito anos. É importante não fazer as aplicações em excesso”, afirma Fernando R. Sichieri, integrante de uma das empresas participantes da 9ª Coopershow.

O expositor Sérgio Henrique de Camargo, deu destaque aos valores de qualidade e confiança que a empresa à qual está vinculado defende. Segundo ele, uma boa semente, com percentuais de germinação acima de 90%, é a base de toda a produção para qualquer cultura, o que garante segurança ao produtor.

Para o manejo, o tratamento de sementes foi destaque no controle de pragas e fungos. Além da inclusão de produtos ainda antes do cultivo do milho, também estiveram em evidência os produtos pós-emergentes para o manejo das culturas contra diferentes pragas. Essa iniciativa também é auxiliada pela detecção da espécie de praga

existente na área. As armadilhas para mariposas são opções para auxiliar nesta percepção de infestação e espécie de lagarta a ser combatida pelo agricultor. Nestes casos são utilizados produtos de atração das mariposas, com equipamento apropriado. “A armadilha é necessária para identificar a lagarta e fazer o manejo eficiente. De quatro a cinco armadilhas por hectare já é suficiente”, orientou Gustavo Yépez, diretor técnico de uma das empresas expositoras.

Aliado ao controle dos inimigos das culturas, os expositores também apresentaram opções de investimentos para a nutrição das plantas, seja do milho ou da soja, em diferentes versões de produtos. Entre eles estiveram os organominerais, produzidos em uma junção entre o adubo mineral e a turfa, utilizada como matéria orgânica. A adoção de produtos como este contribuem para o equilíbrio dos problemas orgânicos do solo, além das correções químicas já realizadas pelos adubos químicos.

O interesse do produtor Artur Giani esteve também direcionado para os consórcios apresentados tanto pelo IAC, como por empresas comerciais, envolvendo as sementes de gramíneas. As opções de gramas estiveram relacionadas tanto para cultivos de consórcio, como também para pastagens, do setor pecuário.

## } MÁQUINAS, PEQUENOS EQUIPAMENTOS E INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

Giani continuou percorrendo a feira e se interessou mesmo pelas grandes máquinas existentes na exposição. Havia máquinas de plantio e de colheita, bombas de diferentes potências e tamanhos, colheitadeiras, tratores, pulverizadores, guinchos e carretas em diferentes tamanhos e versões. O produtor ficou bastante pequeno quando se aproximou de uma das colheitadeiras expostas, totalmente automatizada e munida de piloto automático, entre outras tecnologias. Enquanto algumas empresas davam prioridade ao destaque para a robustez de seus equipamentos, outras demonstravam a grandiosidade e a tecnologia agregada, acoplada ao sistema de controle.

Já entre os pequenos equipamentos apresentados aos visitantes da 9ª Coopershow esteve a bomba movida a energia solar. Conforme dados da empresa, este equipamento lançado neste ano é capaz de bombear 8,6 mil litros de água por dia, dispensando o uso de energia elétrica ou de bateria. Trata-se de uma iniciativa sustentável para ser aplicada no meio rural, dependendo exclusivamente do sol. Também foram opção ao produtor pequenas máquinas como os rebitadores, esquadros, trenas, alicates de corte, entre outros.

Para os cuidados com o jardim, ferramentas, cortadores de grama e pequenos tratores também não escaparam ao olhar atento de Artur Giani e de

milhares de visitantes da Coopershow, vindos de diferentes localidades do estado e do norte do Paraná.

Ainda fizeram parte deste roll de empresas parceiras, aquelas direcionadas ao trabalho com a pecuária, com serviços e produtos veterinários, ao setor de manutenção de equipamentos, ao ramo de trabalho realizado a partir da madeira, de pequenas máquinas para inoculação no sulco de plantio, de proteção solar e supressores de poeira e de limpeza automotiva, além das opções de sistemas de irrigação e construções de silos, secadores e unidades armazenadoras de grãos e de escadas para diferentes situações e necessidades.

Os dois bancos presentes deram ênfase aos pacotes de serviços oferecidos diretamente ao produtor rural. Já o setor de veículos foi o último visitado pelo agricultor Giani. Carros e caminhonetes ocuparam espaço considerável entre os estandes, tendo ainda os caminhões em evidência devido à necessidade de transporte e escoamento da produção local.

Para completar as variedades de tecnologias apresentadas em diferentes áreas abrangidas pela Coopershow, também esteve o setor de animais, com cordeiros de raças premiadas, gado de corte e leiteiro provenientes de cruzamento de raças puras e de raças adaptadas ao clima tropical da região, bem como peixes, com espécies exóticas para tanque escavado ou tanques-redes.

## } NOVIDADES NA FEIRA

A Loja Coopermota, que comercializou equipamentos de empresas parceiras, bem como botas, chapéus e outros pequenos objetos a preços especiais foi um dos diferenciais da feira. O espaço esteve sempre repleto de visitantes que buscaram pelas oportunidades de bom preço. Além disso, uma área fechada e climatizada com ar condicionado reuniu os produtores visitantes para palestras com a Embrapa e empresas parceiras, em dois horários distintos de atividades, sempre às 11h e às 15h. O local, com capacidade para 100 pessoas, esteve sempre com lotação máxima em todos os eventos do espaço. Cerca de 550 participantes acompanharam as orientações dos pesquisadores e especialistas.

A praça de alimentação dobrou de tamanho em relação ao ano passado e a rádio O Campo Coopershow ampliou a divulgação e a exposição das empresas participantes do evento, bem com permitiu um melhor acesso às informações por parte dos visitantes da feira.

Uma estrutura de sombrite com mais de 3,5 mil metros quadrados foi instalada em toda a extensão dos estandes, criando um corredor de sombra próximo às áreas de demonstração dos expositores. Na avaliação dos parceiros, foi um duplo benefício, tanto para o público em geral, como para as empresas participantes. ■





# Toneladas de carnes na churrasqueira

Milhares de visitantes acompanharam as transmissões da rádio O Campo Coopershow durante a feira, especialmente no horário de almoço, e se fartaram com a comida servida na Praça de Alimentação

por: BRUNA REIS

O relógio marca vinte horas e pela porta dos fundos começa a chegar a equipe de preparo da cozinha: um homem e duas mulheres. Ele acende a churrasqueira e já começa a assar carnes e linguiça enquanto elas iniciam a limpeza e distribuição dos alimentos, o frango para assar e o arroz para cozinhar. Até meio dia a comida que será servida para mais de 1.500 pessoas por dia deve estar pronta.

Essa rotina com o fim de turno às cinco horas da manhã e chegada da segunda equipe de serviço duas horas depois se repete dia a dia entre 27 e 30 de janeiro no fundo da Praça de Alimentação da 9ª Coopershow. Iniciado como um evento aberto, apenas direcionado aos cooperados da Coopermota, a vitrine tecnológica da cooperativa seguiu seu caminho de crescimento e manteve a tradição do almoço aberto ao público. Ivete Rosa é responsável pelo preparo das refeições há quatro anos e lembra que na primeira vez que participou a alimentação foi servida para 400 pessoas. Ela frisa que a festa cresceu demais e a cada edição foi se aprimorando. “Neste ano tivemos uma boa infraestrutura da cozinha o que melhorou muito a logística do nosso trabalho. Mesmo com tanto crescimento nos foi dada autonomia para desenvolver o compromisso que assumimos com a Coopermota”, comenta.

O cardápio é mantido há anos sempre com salada

de folhas, tomate e cebola, farofa temperada, feijão gordo, arroz, frango assado e churrasco de carne e linguiça. A Praça de Alimentação funciona com uma grandiosidade que alguns números impressionam: foi servida mais de uma tonelada de carne, 90 quilos de feijão, 210 pés de alface e quase 2 mil litros de suco. Tudo foi preparado em mais de 50 horas de trabalho da equipe da cozinha tendo cada produto rigorosamente selecionado.

A aceitação do público participante quanto ao cardápio e o preparo de todo o alimento foi destacada pelos visitantes. O cooperado de Cândido Mota, Edinelson José Andreotti, ficou encantado com a edição 2015 da Coopershow. “A festa está linda e o almoço, como sempre, está uma delícia”, contou o agricultor enquanto levava seu prato para a mesa de apoio montada ao fim da praça. Ele e sua esposa participaram de todas as edições e dizem estar impressionados com a evolução do evento.

Além de toda alimentação disponibilizada, o público também pode adquirir refrigerantes e picolés. Muitas empresas disponibilizaram o sorvete gratuitamente aos visitantes. A organização revela que mais de 3 mil picolés foram vendidos, mas certamente o clima ameno fez com que esse número não fosse maior, pois mais de seis mil pessoas passaram pelo Campo de Difusão nos três dias da feira. ■



# Expositores aprovam a feira

## } AGROCERES – RODRIGO GATTO

A Coopermota é a parceira mais importante que a gente tem no Vale Paranapanema. Apostamos muito no serviço que a cooperativa leva para o agricultor, principalmente pela assistência técnica e as condições comerciais que oferece. A feira neste ano está muito boa. Está tudo muito bonito e o público foi espetacular todos esses dias.

## } BASF – ALEXANDRE CARVALHO

Gostaria de parabenizar a todos da Coopermota pela Coopershow. É um evento bem dinâmico, onde a gente pode estreitar o relacionamento com os produtores e com o próprio consultor da Coopermota. Então, parabéns a todos. Estamos prontos para o próximo ano também.

## } DU PONT – PAULO CÉSAR DE OLIVEIRA

A Coopershow vem de encontro à necessidade do agricultor. A gente está colocando tudo aquilo que o agricultor quer ver para essa localidade. Não adianta ele buscar fora uma tecnologia que possivelmente ele pode não conseguir adaptar aqui. Na Coopershow ele consegue ver in loco aquilo que ele precisa e o que precisa adaptar na propriedade dele, com a realidade da nossa região. A gente vem melhorando a cada ano e essa melhoria eu acredito que vai acontecer gradativamente para os próximos eventos. Eu estou muito confiante que isso vai acontecer. Então parabéns. O evento está muito bem organizado.

## } FERTYBIO – DEMAIR M. SOUZA

Tanto nós quanto todos os demais parceiros da feira certamente estamos muito felizes por poder fazer parte deste show. Temos muito claro que vamos continuar nesta parceria com a Coopermota. Foi uma super Coopershow, que a cada ano melhora ainda mais e tem feito a diferença para a região. A organização tem tido respeito pelo produtor e trabalhado num sistema que vem trazendo novidades e tecnologias para o homem do campo em todos os segmentos. Deixo o agradecimento à diretoria e a todos os envolvidos direta e indiretamente nesta Coopershow porque realmente tem sido um sucesso. Acho que a feira acaba deixando um gostinho de quero mais e a expectativa de que continue se modernizando, inovando. Acho que isso tem ficado bem claro pra quem tem visitado a feira nos últimos anos.

## } NEXSEM – TIAGO ASTUTI

É o nosso primeiro ano na feira. Gostei muito do evento, o que agregou bastante pra nossa empresa, porque somos uma marca nova e estamos tendo a oportunidade de expor o nosso produto para diversos produtores da região por meio da Coopershow. Com certeza estaremos juntos no próximo ano.

A photograph of an outdoor exhibition area with several stalls. Each stall has a green and yellow striped canopy. In the background, there are trees and a building. The text 'Expositores aprovam a feira' is overlaid in large, bold, yellow letters.

# Expositores aprovam a feira

## } LAGOA BONITA – SÉRGIO CAMARGO

Queria cumprimentar o pessoal da organização da Coopershow porque a feira realmente é um show. Estamos muito satisfeitos com a estrutura que nos foi colocada aqui e com a parte de alimentação, que está muito boa. Os visitantes estão sendo agraciados com um show de tecnologia. A Coopershow é realmente fantástica para agregar o que a gente tem de melhor na agricultura.

## } MERCADÃO DE TRATORES/VALTRA – HUDSON RENATO ARAÚJO BATISTA

Gostaria de parabenizar o pessoal da Coopershow porque o evento está fantástico, maravilhoso. A feira está trazendo bastante tecnologia e oportunidade para o pessoal do campo que está chegando agora, que está vindo de toda a região para conhecer. Então, parabéns para a equipe da Coopershow.

## } STIHL – PAULO CESAR DA SILVA

Parabéns pela festa linda que vocês estão organizando. Excelente em tudo, em cada detalhe.

## } MARIVET – FABIANO JORGE

Parabenizamos a Coopermota pela Coopershow. É o primeiro ano que participamos e com certeza vamos querer estar aqui de novo no ano que vem.

## } MADTRAT – JACKSON CÉSAR C. ALVES

Primeiramente queria parabenizar a diretoria e toda a equipe da Coopermota que organizou a Coopershow. Eu não conhecia a feira e a equipe está de parabéns por toda a estrutura montada. Está tudo muito bom.

## } IRWIN – LUCIANO ABELAR

A curiosidade dos visitantes é bastante grande. Para nós foi muito satisfatório o evento porque a gente não sabia que ia atender tanta gente como estamos atendendo aqui na Coopershow. Se formos convidados certamente estaremos aqui de novo na próxima edição da feira.

## } ASSIS DIESEL – FLÁVIO FERREIRA DA SILVA

É nosso primeiro ano expondo e a gente quer parabenizar a Coopermota pelo evento. Os produtores e clientes que têm passado pelo nosso estande estão maravilhados com a organização e com tudo o que a Coopershow está oferecendo. Com certeza esta é a primeira de muitas.

## } SICOOB CREDIMOTA – MÁRIO SÉRGIO GOZZI

Queria agradecer a equipe de profissionais que deu este evento maravilhoso para a região. O nosso estande neste ano ficou sempre com várias pessoas. Pro ano que vem estamos com a expectativa de ser ainda melhor, afinal de contas serão 10 anos de experiências para divulgar variedades, revendas e bancos. A SicoobCredimota está presente desde o início com vocês.



Já está aprovado e registrado.  
Agora somos: **COOPERMOTA** -  
Cooperativa Agroindustrial

 **Coopermota**  
Sempre ao lado do agricultor



# ACELERAR A COLHEITA PARA O PLANTIO DO MILHO EM TEMPO PARA O SEGURO

Algumas medidas devem ser tomadas pelos produtores com vista a adequar o ciclo da lavoura aos prazos do zoneamento agrícola para a região

**N**a planilha de organização de atividades na lavoura os dias correm depressa enquanto o tempo age nas plantações e ameaça a interferir nos resultados finais da safra. A seca ocorrida no período de plantio da soja, no ano passado, em meados de outubro, atrasou o cronograma da plantação e vem exigindo atenção dos produtores para atender às exigências das seguradoras no que se refere ao zoneamento da região e ao prazo máximo de plantio do milho de segunda safra para a contratação do seguro rural.

O zoneamento é uma forma de assegurar o rendimento e o desenvolvimento do milho seguindo as variações climáticas prevista para a região. Quanto mais tardio o plantio da segunda safra, maiores são os riscos para a cultura. Conforme publicação dos pesquisadores Luiz Marcelo Aguiar Sans e Daniel Pereira Guimarães, da Embrapa, o milho de segunda safra sofre devido ao "regime de chuvas e as fortes limitações de radiação solar e temperatura baixa na fase final de seu ciclo". Sendo assim, "quanto mais tarde for o plantio, menor será o potencial e maior o risco de perdas por adversidades climáticas como seca e geadas".

Na região de abrangência da Coopermota, muitos produtores efetivaram o plantio da safra verão entre o

final de outubro e o começo de novembro, mais atrasado em relação ao ano passado, o que trouxe reflexos para a cultura seguinte. Diante disso, um percentual expressivo de agricultores deve optar pela dessecação da soja para acelerar a sua maturação da lavoura. De acordo com o agrônomo da Coopermota, unidade de Cândido Mota, José Roberto Gonçalves Massud, muitos vão optar pela dessecação e por medidas que acelerem a finalização da soja de forma a continuarem com o plantio do milho dentro do prazo aceito pelas seguradoras. "No ano passado tivemos recorde de plantios do milho de segunda safra em fevereiro, de forma contrária aos anos anteriores. Foram 80% de plantios em fevereiro e 20% em março. Neste ano estamos com situação exatamente inversa", avalia.

Contudo, os dados de produtividade da última safra de inverno levam os produtores a manter os investimentos realizados nesta cultura dado que o teto de potencial de produção foi atingido por muitos no ano passado. Como a maioria realiza a compra dos insumos ainda no final da safra anterior, tais posturas frente aos investimentos já estão praticamente definidas. A expectativa de produção para este



A opção pelo seguro do milho de segunda safra visa reduzir os riscos de geada que podem ocorrer no período, porém, com a influência do fenômeno El Niño sobre a região, não há perspectivas de temperaturas muito baixas para este ano. Há, portanto, a possibilidade de não haver geadas. A última registrada na região ocorreu em 2011 e teve intensidade bastante alta junto às lavouras, com danos expressivos em muitas delas. ■

## Armazene com segurança

Confie em quem resfria milhões de toneladas de sementes e grãos em oito países

*Cool seed*

TECNOLOGIAS DE PÓS-COLHEITA

## Cool seed, líder mundial em resfriamento artificial de grãos e sementes.

BR 277 Km 611, nº1500 - Santa Tereza d'Oeste - PR - BR - +55 (45) 3231-1677/8819-8070



[www.coolseed.com.br](http://www.coolseed.com.br)

A close-up photograph of a person's legs and feet in a field. The person is wearing dark trousers and black shoes. They are holding a bright orange power tool, likely a trimmer or brush cutter, which is resting on the ground. The background is a lush green field with some trees in the distance.

# “JÁ TROQUEI TODAS AS LÂMPADAS DO BARRACÃO”

Práticas de responsabilidade quanto ao consumo de energia são sugeridas para serem adotadas tanto no meio rural quanto urbano

Assim que João da Silva coloca o pé no barracão onde ele guarda os seus equipamentos, as luzes se acendem e apagam automaticamente a partir do sensor de movimento que traz em sua base. Nas estantes estão a motosserra, a máquina de lavar a jato, o podador elétrico e diversos outros equipamentos que ele utiliza para os cuidados com o quintal do Sítio Boa Esperança. A vida no campo já foi sinônimo de sossego e de relação direta do homem com a natureza. Há anos, quando se falava em meio rural, a representação da imagem de uma família moradora de um sítio seria composta por rusticidade e relações artesanais de produção, mas a cada dia que passa essa realidade vem sendo alterada, passando cada vez mais para o uso de equipamentos que possibilitam o conforto do homem do campo, porém esta mudança também resulta em aumento do consumo de energia. A regra, neste caso, é fazer o uso racional destes equipamentos para que eles continuem trazendo apenas benefícios ao homem do campo.

João da Silva é um personagem fictício, mas se enquadra na realidade de muitos produtores rurais

que estão cada vez mais tecnificados. O consumo de energia destas propriedades pode variar entre 500 ou 600kw/h, por mês, valor bastante superior à média de consumo da região do Vale Paranapanema, estimada entre 180 e 220 kw/h por mês.

O ato de lavar carros com água abundante já é uma ação criticada por muitos devido à escassez deste recurso, principalmente no estado de São Paulo. Olhar para alguém “varrendo” o lixo e o cisco de calçadas com a utilização do esguicho de água causa espanto em muitas pessoas já conscientizadas sobre a necessidade do uso sustentável deste recurso hídrico. Mas ainda é preciso mais iniciativas voltadas à economia da água.

Os reservatórios de abastecimento e geração de energia estão em níveis bastante baixos, o que tem exigido a busca de medidas para evitar situações de apagão ou pane no fornecimento de energia. Independente dos problemas relacionados à gestão desse sistema, as atitudes de redução de consumo por parte dos usuários contribuem na manutenção da disponibilidade de energia elétrica a todos, já que os reservatórios estão, em média, com níveis de volume pelo menos 25% abaixo do normal. Isso

coloca em atenção todo o sistema elétrico e a continuidade de fornecimento deste bem à população.

A substituição de lâmpadas incandescentes por fluorescentes, fluorescentes compactas ou de led pode resultar em uma economia de gastos de quilowatts em até 40%. O engenheiro eletricitista da Coopermota, Sérgio Antônio Souto Vasconcelos, cita, por exemplo que numa situação hipotética de um barracão com 10 lâmpadas mistas de 160 watts, utilizado em dias úteis por um período de 3 a 4 horas/dia, seria responsável pelo consumo mensal de energia elétrica em torno de 88 kw/h. Tal gasto resultaria em um acréscimo na conta de energia do mês em R\$ 27,00. Porém, a substituição das lâmpadas mistas pelas fluorescentes compactas de 50 watts possibilitaria a redução de consumo equivalente ao custo final de R\$ 16,00.

Os equipamentos que normalmente ficam em stand by podem parecer inofensivos no ponto de vista de consumo de energia, mas Vasconcelos alerta que o desligamento desses aparelhos pode representar uma economia de R\$ 10,00 por mês, já que mesmo desligados eles continuam a despendar energia para a manutenção das luzes que os iluminam.

Outra medida citada por Vasconcelos como uma importante ação de redução de consumo de energia está ligada à adoção de uso dos aparelhos de ar condicionado do tipo inverter, que apesar de serem mais caros trazem benefícios de redução de consumo que compensa o investimento já nos primeiros meses. Esses equipamentos usam energia de forma eficiente chegando a economizar cerca de 40% de energia devido ao sistema que detecta se a sala precisa de menos refrigeração ou aquecimento. Ao ter a temperatura estabilizada, o compressor trabalha em baixa rotação.

### } COOPERMOTA REDUZ CONSUMO

Desde outubro a Coopermota vem implantando medidas que visam a redução do seu consumo de energia, além de ter atuante entre os seus colaboradores a Comissão Interna de Conservação de Energia (Cice). Conforme definições de ação deste grupo, neste mês será iniciada a troca dos bancos de capacitores dos silos para a compensação de energia reativa. Esses equipamentos agem na correção do fator de potência dos silos, diminui perdas de eletricidade das instalações e o aquecimento dos cabos e chaves. Desta forma, alivia-se a carga das instalações. Esses bancos de capacitores fazem com que não haja o consumo de energia elétrica além do que é necessário para o funciona-



mento dos equipamentos.

O engenheiro eletricista destaca que todos os novos projetos da Coopermota já contam com a utilização de iluminação de led e aproveitamento da luz natural. Tais medidas contribuem para a redução do consumo de energia. Segundo sua estimativa, em valores econômicos todas as ações que estão sendo empregadas, principalmente a troca dos bancos de capacitores devem resultar na redução de consumo em torno de 20% sobre o gasto mensal da cooperativa.

“todos os novos projetos da Coopermota já contam com a utilização de iluminação de led e aproveitamento da luz natural”



## QUEM USA, COMPROVA E RECOMENDA

- Linha especializada de tecnologias de produtos sólidos para a nutrição do milho;
- Maior e mais qualificada equipe de consultores em campo;
- Rentabilidade, qualidade e segurança para toda a cadeia produtiva.



MAIOR EFICIÊNCIA NA ADUBAÇÃO NITROGENADA

- Proteção contra volatilização;
- Proteção contra lixiviação;
- Liberação progressiva dos nutrientes;
- Não acidifica o solo.



### UNIDADE SP

Rua: Umbu, 265 - sala 12 - Centro Empresarial Alphaville  
CEP: 13098-325 - Campinas - SP | Fone: 19.2139.6000 - Fax: 19.2139.6015

[www.timacagro.com.br](http://www.timacagro.com.br)



COLHEITA

# COM REDUÇÃO DE PRODUTIVIDADE, PORÉM MELHOR DO QUE EM 2014

A realidade de queda de produção da soja nesta safra está mais amena em relação ao ano anterior, registrando bastante variação de produtividade na região

Os grãos de soja já começam a encher as carretas e bazucas destinadas ao encaminhamento da produção aos silos graneleiros da região. Em Campos Novos Paulista a colheita foi iniciada com antecedência em relação a outras unidades da Coopermota. Até a primeira quinzena de fevereiro, cerca de 2% da produtividade estimada para ser depositada nos armazéns da cooperativa havia sido estocada pelos produtores. Desde a segunda semana de fevereiro o Vale Paranapanema registrou as primeiras colheitas da safra de soja 2014/2015.

Na avaliação de agrônomos e produtores, a realidade de produção deve variar entre localidades devido a diferentes situações de solo e condições climáticas verificadas no decorrer da safra. Contudo, todos são unânimes em dizer que a safra 2014/2015 de soja deverá ser melhor do que a do ano passado, ainda que haja reduções de produtividade em muitos casos. Em Campos Novos Paulista, por exemplo, a produtividade esperada pode variar entre 50 e 150 sacas por alqueire, tendo um maior número de produtores com médias ainda positivas.

O agrônomo da Coopermota daquela unidade,

Rogério Azanha Batista, afirma que pelo menos 10% da produção de soja foi colhida até a primeira quinzena de fevereiro. Ele comenta, porém, que neste ano ainda deverá haver de alguns grãos esverdeados devido a situações de falta de uniformidade de germinação de algumas plantações. A opção de plantio em solo com baixa umidade devido à falta de chuva em outubro prejudicou o desenvolvimento inicial de algumas variedades de soja. “Com a umidade duvidosa, em alguns casos o agricultor plantou, nasceu uma parte e outra demorou até uma semana depois pra germinar. Ficou uma lavoura desuniforme”, diz.

Azanha avalia que neste ano mais produtores da região deverão optar pela dessecação, já que o plantio da soja em 2014 foi mais tardio em relação à safra anterior. A medida deve ser adotada principalmente por aqueles produtores que forem cultivar o milho na safra de inverno. “Essa decisão de optar pela dessecação deve ser acompanhada pelo engenheiro agrônomo para que ela (dessecação) seja realizada no exato momento de desenvolvimento da soja em que não cause prejuízos no que se refere à produtivi-

dade do grão”, alerta. Conforme o agrônomo, entre os produtores da área de abrangência de sua unidade, cerca de 60% deles deverão optar pelo milho na safra de inverno. Destes, cerca de 15% farão a dessecação.

Já em Palmital, o agrônomo da Coopermota, Sérgio Lobo, avalia que a região registrou uma seca bastante localizada, atingindo as lavouras que foram plantadas entre os dias 25 e 28 de outubro. Contudo, foram poucas as pessoas que optaram por essa iniciativa devido à falta de chuva para o plantio. A média estimada deve ficar em torno de 110 sacas por alqueire, mas alguns podem colher 40 sacas por alqueire apenas. Lobo destaca que a área de abrangência da Coopermota naquela região é de 20 mil alqueires. Deste total, 90% é cultivado com grãos e o restante é semeado com cana. A situação de plantio em solo seco ocorreu em 3% da área cultivada, tendo reflexos negativos em cerca de 1%. “As perspectivas são de que o potencial produtivo dos grãos não será atingido, mas ainda o resultado ainda será positivo”, diz.



### } TEMPO FAVORÁVEL

Se para alguns produtores o assunto clima foi tema de tensão durante a safra, para José Roberto Borges e Lúcio Borges isto não se aplica. Ambos estão com a realidade da lavoura em situação bastante semelhante. José Roberto destaca que no quesito qualidade do grão não haverá problemas neste ano. “No ano passado tivemos problemas na qualidade do produto entregue para a comercialização e, inclusive, o recebimento teve que ser revisto. Tínhamos pelo menos 50% dos grãos avariados. Neste ano, porém, a soja que eu já colhi (em torno de 20% de sua área) está perfeita”, comenta. Ele avalia a produtividade desta safra em cerca de 20% superior aos resultados obtidos no ano passado. Borges destaca que nas regiões com solo mais arenoso e em áreas de reforma de cana os problemas foram mais acentuados, mas afirma que este não é o seu caso. “Tem pouca gente nesta situação”, acrescenta.

O produtor brinca que São Pedro foi generoso com ele. “Eu plantei no dia 06 de outubro e não dava para continuar porque estava muito seco. Tive uma janela de semeadura até o dia 21 de outubro, o que foi até bom. São Pedro acompanhou o meu cronograma de plantio, já que no início da semana passada colhi o que plantei primeiro e neste intervalo de chuva está maturando o restante que ainda tenho que colher”, brinca. Ele comenta que fez dessecação no primeiro lote de colheita e o restante deve ter maturação natural.



**FertyBio**  
Fertilizantes



*Desenvolvendo  
novas  
tecnologias  
em fertilização*





A **FertyBio**, é uma empresa especializada em fertilizantes foliar, que possui um portfólio de produtos diferenciados para atender a necessidade da sua lavoura, desenvolvendo produtos com eficácia nutricional, facilidade de transporte e aplicação, melhorando as condições fisiológicas das plantas.

**A Fertybio teve a felicidade de participar da nona edição da Coopershow, feira anual de agronegócio, realizada nos dias 28,29 e 30/01, demonstrando nossos produtos e falando um pouco de nossa história.**



# “EU NÃO VOLTO PRO ENXADÃO”

A mudança no sistema de trabalho na formação de canteiros para a horticultura acelerou o processo de preparo do solo, abriu espaço para outras atividades na propriedade e reduziu o cansaço do produtor

Os dias penosos de preparo do solo para a formação de canteiros com duração superior a nove horas, realizado com enxadão de cabo de ferro, sob forte sol e o cansaço que toda esta operação rendia ao horticultor Renan Felipe Gonçalves da Silva agora fazem parte apenas de suas memórias. Há cerca de cinco meses ele mecanizou esse serviço por meio da aquisição de um motocultivador destinado ao cultivo da terra, também conhecido como Tratorito. A pequena máquina remove com facilidade o solo sob diferentes condições de umidade, contribuindo ainda para a uniformidade do canteiro destinado ao cultivo de diferentes frutos, verduras e legumes.

Silva possui uma pequena propriedade em Paraguaçu Paulista, no Sítio Dona Sebastiana, na Água do Capivara. Agrônomo, recém-formado, cultiva produtos da horticultura em três parcelas do sítio. Em parte dele tem cultivado o quiabo Santa Cruz consorciado com o milho 1051, tendo ainda áreas de abóbora e canteiros protegidos com sombrite para o trabalho com as verduras. Possui uma área total de 18 canteiros de 25x1,20 metros, tendo atualmente a produção das hortaliças concentrada em quatro

deles, onde mescla em uma mesma área o plantio da rúcula com a alface, em um consórcio entre as duas folhas. Segundo ele, a rúcula serve como auxílio para o controle da lagarta e do percevejo. Silva destaca que outras verduras também servem para essa função junto a alface, como a cebolinha, por exemplo. A mudança no sistema de trabalho é avaliada positivamente pelo produtor. ““Eu não volto pro enxadão. Minha vida mudou depois que comecei a utilizar o motocultivador. Antes eu demorava de 7h a 10h para fazer os canteiros e agora faço o mesmo com 20 minutos”, garante Silva, que afirma já estar completamente adaptado ao equipamento. Além disso, o horticultor justifica que a máquina faz o serviço do enxadão, da enxada, do garfo e do rastelo, usado para o nivelamento da terra. “Além de tudo, quando o nivelamento é feito com o rastelo não fica tão uniforme como quando usamos o motocultivador. Nos locais em que a terra está mais compactada, fica muito mais fácil a incorporação da matéria orgânica no solo e a movimentação da terra”, acrescenta.

Renan é filho de agricultor em uma família de sete irmãos, sendo cinco deles homens. Contudo, apenas

três trabalham na terra. A rotina do pequeno produtor começa bem cedo, já que além da horta e das demais culturas que possui na propriedade, dedica as primeiras horas do dia para os cuidados com os animais, entre porcos, galinhas poedeiras, cavalos e vacas. Ele conta que iniciou na horticultura quando ainda estava na faculdade e havia um espaço subutilizado no entorno do sítio. Começou vendendo a sua produção na feira da lua, que ocorre às quartas-feiras, sextas-feiras e domingos. Além disso, também participa de um projeto da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), desenvolvido no município em parceria com produtores rurais, baseada na absorção da produção local para a utilização dos alimentos em entidades locais. “Tudo o que produzo fica no município mesmo”, comenta. Nesse período, levantava todo dia às 5h e contava com a ajuda da mãe, servidora municipal, que conseguia folga nas manhãs de quintas-feiras para ajudar o filho até o meio dia.

No período em que utilizava as ferramentas mais básicas para o preparo do solo, ouvia comentários de amigos que já possuíam o equipamento sobre a eficácia e a agilidade do método para a horticultura. Em certa ocasião o emprestou para testes, o que lhe deu incentivo para adquiri-lo e inseri-lo definitivamente no seu trabalho diário.

A chegada do motocultivador em outubro de 2014 ocorreu logo após a instalação de telas de sombrite sobre os canteiros de verduras. O gestor da unidade da Coopermota de Paraguaçu Paulista, Cristiano Tomieiro, comenta que tanto o motocultivador quanto o sombrite são investimentos que auxiliam muito o pequeno produtor no incremento de suas atividades agrícolas. “No período de verão as verduras sofrem com o sol bastante forte, além de também sentirem os reflexos do longo fotoperíodo, em torno de 12 horas na região”, afirma Tomieiro justificando a adoção do sombrite.

### } NOVOS MERCADOS E PARCERIAS PRO NEGÓCIO

A produção do Sítio Dona Sebastiana varia conforme o período climático. “No inverno cultivo almeirão, chicória, couve e outras verduras mais propícias para os períodos mais frios”, cita Silva. Ele comenta que além dos benefícios de facilitar o trabalho no campo, a agilidade do motocultivador lhe possibilita tempo hábil para buscar a expansão do seu negócio por meio de contatos e perspectivas futuras com novos parceiros. “Sempre coloco algumas verduras a mais nos pacotes comercializados. É uma forma de mostrar o meu trabalho e garantir a manutenção do mercado. Às vezes entrego de graça apenas para mostrar o meu produto”, afirma. Além de todos os avanços já alcançados, o horticultor diz já ter outros projetos para serem implantados na propriedade.



Para a fertilização do solo, Renan da Silva faz parcerias com o tio para o uso de esterco das vacas leiteiras, o que reduz o seu custo de produção e ainda garante boa produtividade. Além disso, usa restos da silagem utilizada na alimentação desses animais, contando com o apoio das galinhas que espalham a palha fermentada sobre os canteiros.

No manejo da horticultura busca utilizar produtos naturais que contribuem para o equilíbrio do local e possuem ainda baixo custo. Contra as pragas e como adubo adota o uso do óleo neem e a urina de vaca, que também é fonte de nitrato. Já contra o pulgão e o mofo branco, recorre ao leite natural.

## } INVESTIMENTO

O horticultor Renan da Silva explica que financiou o motocultivador para conseguir comprar o equipamento e avalia que a mudança no processo de produção permite que em três meses possa se pagar o investimento realizado. Além disso, enfatiza que quando trabalha com ferramentas básicas, dificilmente consegue cumprir as obrigações no tempo disponível, sozinho. Com isso, precisa recorrer à contratação de um trabalhador para auxiliá-lo na função, o que é dispensado no manejo realizado com o equipamento mecanizado.

O coordenador do setor de máquinas da Coopermota, Ebraim Malaquias, destaca que a cooperativa tem investido neste tipo de equipamento, com parceria junto a diversas empresas que trazem diferentes tipos de máquinas para auxiliar no trabalho diário do produtor rural e também de trabalhadores urbanos. As máquinas, segundo ele, facilitam a execução de várias tarefas diárias, seja na poda de árvores, na limpeza de residências ou nos tratos variados em jardins. ■



Ivaír Mariano e Cristiano Tomieiro fazem a adaptação do equipamento para Renan Silva e sambista, Leonardo Ladislau



# ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO, MEMBROS DA FAMÍLIA

A dedicação e os cuidados com a nutrição dos bichinhos, portanto, é regra de convivência entre eles

É manhã de mais um dia no meio rural e os galos começam a cantar no Sítio São Pedro, na Água da Baixada, em Assis. Ainda bem cedinho “Tor” se levanta do seu dormitório, na carroceria de uma F4000, e se dirige até a porta da cozinha para esperar o café da manhã. O privilégio da alimentação dentro de casa é só dele, enquanto que Laila e Nina permanecem na varanda à espera do alimento que será levado por Rosângela Valverde Beitum ou Valdir Beitum. O grupo de animais era maior, mas o Labrador Tor, dominante do território, acabou fazendo com que Bola, um macho rottweiler, fosse mantido na cidade, junto com um dos filhos do casal Beitum, que dá aulas em escola de ensino fundamental de Assis. Os três cães que continuam no sítio dobraram qualquer resistência de Valdir em tê-los também como filhos e se tornaram parte da família. Até já tiveram incorporado em seus nomes o sobrenome Beitum. “Aqui são todos Beitum: Tor Beitum, Laila Beitum e Nina Beitum (foto acima). O Tor é o mais inteligente, Nina a mais hiperativa e Laila a mais calma”, comenta Rosângela ao relatar o seu dia a

dia com os “filhos” cães, tendo ainda a companhia do filho legítimo, Rodrigo Beitum, que auxilia os pais no trabalho diário do sítio.

Nessa mesma hora na Chácara Três Coqueiros, Estrada da Pinga, Pipoca, Abadia, Tina e Sony esperam ansiosas até o momento em que a porta da lavanderia onde dormem seja aberta por Griselda Mencacci, para que possam subir as escadas com destino à cama do casal após o convite anunciado: “Vamos com o pai?”. Lá elas permanecem até que Fábio também se levante. A proximidade dos dois com os cães é bastante evidente. Através dos vidros que dividem a sala e a varanda, vê-se a Gorda e a Úrsa, duas rottweilers, que esperam até o momento em que também serão acariciadas e recebidas pelos donos. Ao lado delas, Patrick, um cão da raça Galgo, é o único que transita entre os dois mundos, interior e exterior da casa, já que as Rottweilers podem matar as cachorras menores que se arriscarem a ocupar o território da chácara por elas dominado.

Duas realidades bastante distintas de vida diária, mas muito próximas quando se trata de amor pelo cão de estimação. No sítio São Pedro são dois labra-



dores e uma rottweiler e na Chácara Três Coqueiros são duas Fox Paulistinha, um casal de Galgos, uma Pug e duas Rottweilers.

O Casal Mencacci conta que os dois sempre gostaram de cães e tiveram em 1984 a primeira cachorra com pedigree certificado da raça Boxer. Besse, como era chamada, teve ainda o Ergus, a partir do cruzamento com o também Boxer com pedigree, de Sorocaba, o Argus. "A gente adorava a raça Boxer, ainda gostamos. É um cão ideal para a família, não morde e apenas emite o latido de alerta para afastar invasores, mas ele tem um problema genético: são propícios ao câncer. Os dois que tivemos tiveram câncer quando tinham uns 10 anos e tivemos que sacrificá-los", conta Fábio ao justificar a ausência de cães desta raça entre os seus animais.

Depois de algum tempo, foram chegando os demais cachorros, tendo os Rottweilers incorporados à família por interferência do filho mais velho, que comprou o primeiro deles com sua própria mesada. A Ursa e a Gorda, atualmente têm dois anos e são parte de uma ninhada de cães nascidos da matriarca da chácara, que já faleceu de velhice. "Nasceram 10 e venderíamos 9, mas não conseguimos decidir entre elas e ficamos com as duas", conta Griselda. A procedência do pai e dos reprodutores é algo tratado com muito carinho pelo casal. Os cuidados e dedicação aos animais é constante e a escolha do macho para as fêmeas da casa segue os mesmos rituais de escolha ou pelo menos de análise de um genro que fosse entrar para a família. "Tem que ter boa formação óssea, cara bonita e de boa índole", comenta Griselda. Ela se aplica aos cuidados com as pequenas enquanto Fábio tem ligação mais próxima com as grandes. "A pipoca é a mais educada, a mais querida. É uma lady. As grandes são mais brutas. Não percebem o tamanho que têm", diz. Depois de um dia inteiro de trabalho, o casal relaxa no quarto assistindo a novelas e junto a eles ficam as quatro cachorras da casa. São parceiras para toda hora!

No sítio São Pedro, por sua vez, Tor assumiu a posição de filho mais exigente da família. Esconde com frequência as botas de trabalho que são deixadas na varanda. Ao ser questionado "onde está a bota do pai" ele não responde e se esquiva, mas quando a pergunta é "Cadê a bota do Tor, já que é algo dele e de mais ninguém, ele vai buscar escondida em algum lugar", conta Rodrigo rindo das traquinagens do Labrador.

Para beber água, o cão já tem a rotina certa para

essa ação. Ao sentir sede, se aproxima da torneira fixada próximo à garagem dos caminhões e late até que Valdir vá abrir o registro para que ele tome água. "O pai pode estar fazendo o que for: deixa tudo de lado e vai atender ao pedido dele (Tor)", conta Rodrigo.

## } NUTRIÇÃO

Nesta relação de proximidade entre cão e dono, o cuidado com a nutrição é regra na grande maioria dos casos. Além dos cuidados e mimos com aqueles que se tornaram parte da família, uma alimentação balanceada é mais uma demonstração de carinho.

Na casa dos Mencacci, Griselda enfatiza que preza pela educação dos cães. "A gente não mede esforços para oferecer um bom trato a eles (cães), mas eu gosto de disciplina", afirma. No momento da ração, cada um tem o seu pote e lugar já definidos. Entre os animais que ficam dentro de casa, Tina (Pug), a mais ansiosa, recebe o alimento primeiro que todos. Em seguida, a Pipoca (Fox Paulistinha), depois a Abadia (Galgo) e por último a Sony (Fox Paulistinha). "Cada um tem o lugar certo de comer. Se eu colocar aqui, os demais sabem que este lugar é da Tina e assim por diante", explica.

Griselda acrescenta que prioriza rações com o percentual ideal de proteína, bem como fibras e outras vitaminas necessárias para as fases de seus animais. "A comida não fica disponível a eles todo momento. A hora de comer é quando colocamos nos potes e não deixamos potes com comida para quando o cão quiser", diz.

## } LANÇAMENTO DUPET

Durante a 9ª Coopershow, a Coopermota realizou o lançamento de mais uma linha de produção da sua Fábrica de Ração. Além das rações já produzidas, a partir de fevereiro a cooperativa é responsável por uma linha exclusiva de ração para animais domésticos, tendo inicialmente a ração DuPet para cães adultos. O produto possui proteína bruta em sua composição na proporção de 20%, ômega 3 e ômega 6, extrato de yucca, que reduz o odor das fezes, além de vitamina A, D e E, em valores superiores aos demais produtos disponíveis no mercado. O alimento para a nutrição animal pet já pode ser adquirida nas Unidades de Negócios da Coopermota e por revendedores autorizados. Mais informações pelo telefone 18 - 3341 9424. ■

A FERRAMENTA  
CERTA CONTRA A  
**DENGUE**  
E PRAGAS



COM A LINHA DE PULVERIZADORES **STIHL**,  
A DENGUE NÃO TEM VEZ.



SR 450



SR 430



SG 20

Mais informações:

[www.stihl.com.br](http://www.stihl.com.br) | 0800 707 5001



# PEIXE PARA CONSUMO E PARA INCREMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

A adoção de práticas que valorizem a formação de compostagens e silagens contribui para a preservação ambiental e aumenta ganhos dos piscicultores

**N**as extensões do Rio Paranapanema, os tanques-redes preenchem a moldura das paisagens. A cada ano, novos empreendimentos de pisciculturas são instalados no local, crescendo com isso o volume de produção de peixes na região, principalmente de Tilápias. Pelo menos até 2013, data da última estimativa divulgada pelo Ministério da Pesca, o reservatório Canoas II, situado em Palmital, abrigava cerca de 700 tanques em diferentes áreas de piscicultura. No entanto, dados do Sistema de Informação das Autorizações de Uso das Águas de Domínio da União (Sinau), vinculado ao ministério, ainda naquele ano foram solicitadas implantações de um total de 1.700 tanques, mil a mais do total até então existente.

Na mesma proporção cresce a quantidade de resíduos provenientes de restos do beneficiamento desses peixes nos frigoríficos e da mortalidade de exemplares das espécies na piscicultura. Há uma disparidade grande na demanda de absorção destes resíduos em detrimento ao consumo dos produtos beneficiados nesses empreendimentos. Com isso, aumenta-se a necessidade de ampliação do aproveitamento dos peixes, envolvendo não só o consumo da Tilápia propriamente dita, ou de qualquer outra espécie cultivada, como também dos

resíduos acumulados, seja no ambiente de produção quanto no de beneficiamento. Essa medida favorece não só o piscicultor como também o ambiente que passa a sofrer um impacto menos agressivo diante dos resíduos descartados inadequadamente. Ao invés do descarte ou aterramento, comumente adotado de forma irregular, sugere-se a compostagem e a silagem dos peixes que morrem por diversos fatores em iniciativas de tanques-redes ou tanques-escavados. Já nos frigoríficos, é possível fazer os mesmos processamentos dos resíduos a partir de vísceras, escamas e o esqueleto do peixe, o que amplia as possibilidades de aproveitamento integral desses animais. Contudo, o processamento dos resíduos mais rentável em frigoríficos é a farinha, a qual é mais indicada para ser realizada em maiores escalas.

Algumas experiências da aplicação destas técnicas de processamento dos resíduos da piscicultura vêm sendo realizadas em diferentes partes do país. Em janeiro, um empreendimento do setor instalado no reservatório de Canoas I, em Cândido Mota, foi cenário da parte prática do curso coordenado por Rose Meire Vidotti, membro do Centro Apta do Pescado Continental, vinculado ao Instituto de Pesca da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, na Apta Médio Paranapanema, em Assis.

Conforme a pesquisadora, a compostagem é preparada em duas fases distintas até o momento da disponibilidade do material para a adubação de plantios destinados à produção vegetal. No primeiro momento ocorre a degradação dos materiais e posteriormente o material orgânico é maturado, dando origem ao composto propriamente dito. Estudos ligados ao setor alertam, no entanto, sobre a necessidade de monitoramento constante da temperatura do material em situação de degradação, resultante da atividade metabólica da população microbiológica. Quando já tiver ocorrido a maturação completa a temperatura deve estar em equilíbrio com o ambiente. São necessários pouco mais de três meses para que a composição esteja pronta, com 50 dias de decomposição e mais 40 de maturação dos materiais.

Vidotti explica que é necessário o uso de dois tipos de materiais, tendo aqueles que se decompõem com facilidade, como carcaças de animais, esterco, entre outros, e aqueles com processo de decomposição mais lento, compreendidos por serragem, bagaço de cana-de-açúcar e palhas. Todo o material deve ser armazenado em caixas de madeira sem fundo, com área de um metro quadrado e altura de 30 centímetros.

Além da compostagem, a silagem também se configura como uma boa forma de aproveitamento do resíduo da piscicultura. Nessa iniciativa é necessário apenas que se triture os materiais residuais do processamento dos peixes e estes sejam depositados em um silo para o seu armazenamento. Entre as metodologias de produção da silagem está a adição de ácidos minerais ou orgânicos como o fórmico, o sulfúrico, o clorídrico, o propiônico, o acético, e o fosfórico, além de microorganismos produtores de ácido láctico juntamente com uma fonte de carboidratos.

O zootecnista, doutor em aquicultura, Munir Zanardi, acrescenta que por não ser um produto extrusado, a silagem deve ser misturada a outros farelos para se tornar um produto balanceado conforme a necessidade nutricional de cada fase dos peixes. Só assim ele pode ser administrado na alimentação de larvas e alevinos, com a preocupação e o cuidado para que este produto não se torne um elemento poluente do tanque em que está sendo criado.

### NECESSIDADE DE CONSCIENTIZAÇÃO

A pesquisadora Rose Vidotti comenta que a adoção destas práticas de aproveitamento dos resíduos da piscicultura na forma de compostagens ou silagens carece de uma importante conscientização ambiental dos produtores em relação aos descartes dos produtos que acumula. Ela destaca que apesar de haver o conhecimento dos problemas que uma ação inadequada pode causar ao meio ambiente, ainda são poucos que adotam ações conscientes e sustentáveis.



Resíduos armazenados para decomposição

Vidotti comenta que ainda há produtores que realizam ações ilegais sanitárias e ambientais sem nenhuma preocupação com os resíduos que são descartados. “É necessária uma mudança de cultura. É extremamente necessário que o piscicultor se conscientize sobre os impactos de suas ações”, diz. Ela critica que a maior parte dos peixes que morrem nos taques, seja no modelo escavado ou de rede, é enterrado. “O problema é que nestas áreas de produção da piscicultura, o lençol freático é muito raso. E, quando enterrado, o peixe decomposto gera um chorume que percola e vai pro lençol freático”, alerta.

Para que o composto esteja dentro dos padrões esperados, são necessárias duas partes da fonte de carbono ou material estruturante, como palhas,

serragens e outros resíduos agrícolas, para uma de peixe, em peso. Contudo, se além dos peixes mortos também houver o descarte de restos de processamentos inadequados, o volume dos resíduos pode ser bastante grande e necessitar de um espaço razoável para que a quantidade de material utilizado fique dentro do esperado para a medida. Nos casos de mortalidade dos peixes, a média diária de resíduos gira em torno de 40 quilos, enquanto que nos casos de descartes ilegais este volume pode chegar a 150 quilos.

O ideal, segundo ela, é a existência de políticas públicas que estejam preocupadas com esta questão dos resíduos, já que dependendo do volume e método de produção a compostagem tem a vantagem de gerar energia, entre outros. ■



Participantes do curso realizado pela Apta em piscicultura no Canoas I

Nufarm  
**Crucial**

Herbicida

**MAIS POTÊNCIA  
E VELOCIDADE  
NA LAVOURA.**



Crucial é o glifosato líquido mais concentrado e rápido do mercado. Pronto para enfrentar todas as condições climáticas e de uso. Faça com que esta força cresça também em sua lavoura.

AUDAZ+

**ATENÇÃO**

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

PRODUTO PARA USO AGRÍCOLA. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.



**SAC Nufarm**  
0800 725 4011

nufarm.com.br

SOLUÇÃO  
ÁGIL AO  
CLIENTE



Grow a better tomorrow.

FOLIA DE REIS

# DEVOÇÃO E CULTURA POPULAR

Cerca de 40 mil pessoas de toda a região participam da Folia de Reis de Palmital, onde se encontram as Companhias Água das Anhumas, Água das Três Ilhas e Cia dos Faceiros

O som do surdo e da cantoria do mestre que é respondida em coro pelos demais foliões anunciam a chegada da Folia de Santos Reis no roçado de Palmital. A criança está enferma no quarto da casa enquanto os palhaços e os cantores da bandeira dos Santos Reis chegam à moradia da família Faria. O filho ainda pequeno tem um problema na perna. Já fez cirurgia mas ainda não consegue andar. Ele se mantém deitado na cama aos cuidados diários e constantes da mãe atenciosa que sempre está ao seu lado para todas as atividades do cotidiano. De longe ele escuta as louvações e preces dos cantores, mas ainda não entende muito bem a devoção da família diante daqueles que representam os Reis Magos que seguiam a estrela anunciadora do nascimento de Jesus. Depois de alguns momentos de cantoria na sala, os palhaços e o mestre vão até o quarto do pequeno Roberto Nunes de Faria e ajoelhados começam a fazer orações pela saúde do menino. O último comunicado dos médicos até então anunciado é de que ele teria que amputar a perna.

Após as cantorias e as preces eles vão embora do leito de repouso do pequeno Roberto e na perna

enferma permanece uma das fitas da bandeira amarrada pelos foliões como sinal do pedido de recuperação do garoto. Passados alguns dias a fita já não estava mais no local fixado pelos palhaços e o mestre folião. O menino pensou que era a mãe quem tinha retirado o “adereço”, mas ela negou veementemente. O fato é ainda hoje lembrado como o milagre realizado na história de vida do garoto. “Não achamos mais a fita e a minha perna ficou curada”, conta Roberto já crescido e devoto fervoroso dos Reis presentes na folia. Pelo menos 80% dos participantes da Festa de Folia de Reis carregam consigo alguma história de cura ou de diferentes formas de manifestação da fé ligada aos santos cultuados na festa.

Há 40 anos Roberto passou a integrar a Companhia Água das Anhumas, um dos três grupos de foliões devotos do município de Palmital, onde é realizada uma das maiores festas de Santos Reis no início de todos os anos. Sua primeira participação no grupo começou quando ele tinha 13 anos, tradição transmitida em sua família por gerações. Seu pai já foi gerente de festas do município e seus

irmãos seguiram a mesma devoção.

Embora o coro seja exclusivamente de homens, Roberto Nunes é responsável por uma das vozes mais finas do grupo, o contratinho, e ainda é um dos autores do grito que encerra o refrão das músicas. Ele comenta que considera ser bastante simples atingir o timbre fino nas canções, considerando uma ação que ocorre de forma natural para ele. “Quando criança eu sempre acompanhava as bandeiras e ficava encantado, querendo cantar também. Os meus próprios companheiros me incentivaram a cantar no grupo”, comenta.

A partir do dia 25 de dezembro, as casas rurais já começam a serem preparadas para receber os foliões que as visitam levando orações em forma de versos musicados e recebem em troca as doações que serão utilizadas no festejo posterior ao dia 06 de janeiro, quando as visitas são encerradas. Em muitas das casas que passam, os donos começam a chorar quando veem a bandeira e, nestes casos, sempre está atrelada alguma história de milagre na emoção demonstrada por aqueles que os recebem. Pelo menos 250 casas foram visitadas pela bandeira da Água das Anhumas em 11 dias, conforme afirma o contratinho, Roberto Nunes.

Em Palmital, a festa completou 60 anos em 2015, no formato atual, embora os festejos já ocorram no município há pelo menos 80 anos. O festejo reúne aproximadamente 40 mil pessoas, reunindo as três bandeiras do município, compreendidas pela Água das Anhumas, Água das Três Ilhas e Cia dos Faceiros, cada uma de um ponto do município.

Sob forte sol e poeira, os peregrinos e devotos caminham entre os carros que formam longas filas até o destino final, no sítio situado na Água do Capixingui. A imagem lembra as peregrinações e romarias em devoção a diferentes santos das principais cidades brasileiras. Ambulantes e comerciantes aproveitam a ocasião para as negociações que renderão lucros para o sustento da família. Sorvetes, água de coco, refrigerante, água e vários outros produtos, todos disponíveis para a compra.

## ORIGEM E MANUTENÇÃO DA TRADIÇÃO

A festa dos Santos Reis, fixada na cultura popular rural do povo brasileiro foi trazida para o país por intermédio dos portugueses, na colonização do Brasil. Sua disseminação foi realizada pelos jesuítas, que utilizavam a crença para a catequização dos índios e negros escravos. Pesquisa acadêmica publicada pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), por Vera Luiz Pergo, relata os rituais desta festa popular e sua origem de forma mais detalhada.

Conforme a publicação de Pergo, a Folia de Reis “apresenta um caráter profano-religioso, fazendo parte do ciclo natalino, anualmente realizado entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro, quando se realizam as comemorações do nascimento de Jesus com várias festividades, ou festejos populares: como Congados, Folia de Reis, Império do Divino, Reinado do Rosário e Pastorinhas. Fixado o nascimento de Jesus Cristo em 25 de dezembro, adotou-se a data da visitação dos Reis Magos como sendo o dia 6 de janeiro que, em alguns países de origem latina, especialmente aqueles cuja cultura tem origem espanhola, passou a ser a mais importante data comemorativa católica, mais importante, inclusive, que o próprio Natal. No estado do Rio de Janeiro, os grupos realizam folias até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro do Estado”.

A espiritualidade impulsiona a maioria dos visitantes do local a buscar a realização de seus pedidos e promessas. Incorporada na cultura popular, essa tradição segue sendo mantida em muitas localidades. A prefeita de Palmital, Ismênia Mendes Moraes explica que essa tradição vem sendo transmitida por gerações e recebe o incentivo do Poder Executivo Municipal para a sua realização. Há cerca de dois anos, um projeto desenvolvido no município forma pequenos foliões para que estes saibam ocupar qualquer cargo nas companhias. “É uma forma da gente contribuir para que eles deixem o legado desta tradição. Todos os pequenos foliões são engajados nas companhias já existentes no município”, conta. O projeto ensina cantos, traz histórias sobre a Folia de Reis e ainda capacita os pequenos para se tornarem os palhaços, entre outros.





### } SOLDADOS ARREPENDIDOS

Os palhaços que brincam e dançam nas apresentações das bandeiras, representam os soldados que o rei Herodes enviou para matar todos os bebês nascidos no mesmo período que Jesus Cristo. A história bíblica registra que o Herodes teria ordenado que os soldados seguissem Melchior (rei da Pérsia), Gaspar (rei da Índia) e Baltazar (rei da Arábia) até o Menino Jesus. As máscaras representam os disfarces utilizados por eles para não serem percebidos pelos reis. Contudo, ao encontrarem o menino os soldados teriam sido tocados pelo Espírito Santo e se arrependeram da iniciativa. Trajados com roupas coloridas, passaram a dançar para distrair os inimigos e permitir a fuga de Maria, José e Jesus. Agora na folia protegem a bandeira e chamam a atenção de todos.

Todos os grupos são recebidos pela imagem de Nossa Senhora, conduzida pelo festeiro do ano. Em 2015, Pedro Paulino e família ficaram responsáveis pela condução de toda a Folia.

### } A FESTA EM NÚMEROS

A Folia de Reis de Palmital reúne cerca de 500 voluntários. São 25 tachos para o preparo dos alimentos, servidos gratuitamente entre as 10h e as 17h. São utilizados 1,5 mil quilos de batata, 300 quilos de feijão, 300 quilos de arroz, 600 quilos de macarrão, 1,5 mil quilos de leitoa, 1 mil quilos de frango à passarinho, 11,2 mil quilos de carne suína e 1,5 mil quilos de costela bovina, em um total aproximado de 18 mil quilos de comida. ■



# FORTALECIMENTO DO AGRONEGÓCIO

Valorização da agricultura  
e do trabalhador, respeito  
e compromisso cooperativista.

UNIDADE DE NEGÓCIOS  
E SILOS COOPERMOTA

 **Coopermota**  
Sempre ao lado do agricultor

# DO CHÃO DE TERRA BATIDO DAS FAZENDAS PARA OS SAMBÓDROMOS

Em tempo de carnaval, artistas e pesquisadores lembram que além de alimentos, o campo também rende festa, cultura, fé e música.

“Ô dona Joana cadê o bolo de fubá  
se é por falta de farinha diz aí que eu vou buscar.  
O galo já cantou  
a coruja foi dormir  
o café já está no bule  
pra roça tenho que ir.  
Não importa, seu Arlindo, se já sabem do beabá,  
que eu não vou para o batente sem meu bolo de fubá”  
(T. Kaçula & Renato Dias).

“O galo cantou  
com os passarinhos no esplendor da manhã,  
agradeço a Deus por ver o dia raiar,  
o sino da igreja vem anunciar.  
Preparo o café,  
pego a viola,  
parceira de fé,  
caminho da roça,  
semear o campo,  
saciar a fome com a plantação.  
É a lida, arar e cultivar o solo,  
ver brotar o velho sonho,  
alimentar o mundo, bem viver,

a emoção vai florescer.  
Ô muié o cumpadi chegou.  
Puxa o banco e vem prosear.  
Bota água no feijão, já tem lenha no fogão,  
faz um bolo de fubá”  
(Martinho da Vila e Arlindo Cruz).

Os ritmos que embalam os sambas retratados nos dois trechos de músicas que compõem o início deste texto estão inseridos em duas diferentes situações brasileiras, especialmente do samba, porém estão diretamente ligadas na história de suas origens. O primeiro trecho é da música “Bolo de Fubá”, de T.Kaçula e Renato Dias, um samba rural paulista, com característica de retrato da vida no campo e do trabalho nas lavouras. Já o segundo, música assinada por Martinho da Vila e Arlindo Cruz, se tornou bastante conhecida no ano passado entre os amantes do carnaval, sendo um dos sambas-enredos que foram levados à Sapucaí, no Rio de Janeiro. O carnaval, hoje presente em muitas cidades como uma das mais destacadas manifestações culturais populares, sofreu forte influência do povo do campo e se

configurou como um desdobramento das rodas de cantoria da população negra, trazida para as roças brasileiras no período da escravidão. Além da mão de obra explorada pelos seus “senhores” eles trouxeram consigo a cultura africana dos batuques e a musicalidade bastante comum do povo negro. Essa cultura foi adaptada em diferentes partes do país a partir da junção com outras manifestações populares.

Os negros trazidos para o trabalho na roça tinham a dança e a música como parte de sua cultura, as quais eram praticadas ao final das atividades agrícolas. No interior de São Paulo, o samba estava presente nas senzalas e terreiros em danças religiosas como o jongo, dançado no meio da noite mata à dentro, conforme consta no texto de Olga R. de Moraes Von Simson, intitulado “O samba paulista e suas histórias”, parte das produções do Centro de Memória da Unicamp.

Sobre a junção entre o samba rural e o jongo, o compositor e um dos atuais intérpretes da Escola de Samba Unidos da Vila Operária de Assis, Leonardo Ladislau, explica que o jongo tem aspectos do samba rural e vice-versa, mas tratam-se de expressões musicais distintas. Ladislau é paulistano, autor de composições carnavalescas de São Paulo desde 1996 em diferentes escolas, alcançando o grupo especial em 2009, com a Pérola Negra, quando recebeu premiação pela obra produzida. Naquele ano veio para Assis cursar faculdade na Unesp e desde então é autor dos sambas da escola da V. O., seja em composições realizadas em parceria ou individualmente.

Ele explica que o samba rural é composto por versos de improviso e respostas em coro, que retratam principalmente o trabalho nas roças de café. É uma forma de lamento dos negros em seu cotidiano no campo e uma maneira para prosseguir suportando as dificuldades enfrentadas. Ladislau acrescenta que o samba rural tem a zabumba mais marcada, sendo mais carregado de força e emoção do que de técnica. Os instrumentos de marcação são mais rústicos, feitos manualmente com restos de couro e de cacimbas d'água. Os reco-reco são de bambu e os demais elementos também são oriundos da natureza.

O compositor comenta que ao se falar em samba e

negro, a religiosidade está diretamente envolvida. Pirapora, por exemplo, tem o envolvimento expressivo do samba e da religião em sua história. Em muitos casos, há o sincretismo da religião Católica com as religiões de matrizes africanas.

Entre as cidades com maiores expressões dessa cultura do samba rural estão Itu, Pirapora do Bom Jesus, Campinas, Capivari, Tietê, Piracicaba, entre outros. Nessas localidades, os encontros religiosos anuais eram pontos de reencontro dos sambistas que saíram de suas cidades locais e se concentravam posteriormente na capital do estado.

Depois da abolição e a migração forçada dos negros para a capital paulista, o samba rural foi levado para a cidade entre o final do século XIX e começo do XX, dando origem aos cordões carnavalescos paulistanos, que culminaram na formação das escolas de samba de São Paulo. Ladislau ressalta que a primeira escola de samba paulistana criada em meados da década de 1930 foi a “Lava Pés”, localizada na Baixada do Glicério, na rua dos Lava Pés. A pesquisadora Simson ainda acrescenta que após essa primeira escola ainda surgiram a “Pé Rachado”, um desdobramento do cordão “Vai Vai”, “Inocência Mulata”, do Tatuapé, entre outras.

Contudo, a oficialização do carnaval paulistano em 1968, pelo prefeito Faria Lima dificultou a manutenção dos cordões nos moldes até então existentes, em que o meio rural tinha bastante destaque dada a origem de seus sambistas. O texto do regulamento que deu regras ao desfile de Momo seguiu os parâmetros cariocas, realidade bastante distinta do carnaval paulistano.

Alguns artistas, porém, continuam sendo representantes do samba rural paulista como Geraldo Filme, Toniquinho Batuqueiro, Tia Sinhá e outros, com auge de composições na década de 1940. Filme, por exemplo, era negro e participou desde a infância da festa do Bom Jesus de Pirapora, sendo testemunha das manifestações culturais do interior ligadas ao samba. Já em São Paulo, posteriormente, se envolveu com o carnaval, sendo referência da cultura negra paulistana e do samba rural do estado. Dessa forma, ele pôde transitar tanto na realidade do chão de terra batido das fazendas como dos sambódromos paulistanos. ■



Compositor e sambista, Leonardo Ladislau



# ENTRE A ROÇA E O CARNAVAL

Nos blocos de rua os agricultores se divertem e dividem suas funções entre trabalhar na colheita da safra e os festejos carnavalescos, enquanto as escolas de samba divertem o público

O sol já vai se pondo ao final do dia e os grãos ainda parcialmente colhidos anunciam a rotina de atividades daquele dia na Fazenda Santa Bárbara, Água do Pavão, em Palmital. Afinal de contas é dia de carnaval. Na roça os trabalhos continuam a todo vapor até o último momento possível, enquanto na cidade, os parceiros de festejos já fazem o “esquenta” para a noite em um churrasco embalado à cerveja e muita descontração. Mas até no churrasco o assunto do agronegócio está na roda de conversa. Ainda na roça, a atenção está concentrada nos grãos a colher e na produção que deve ser encaminhada para os silos de armazenagem, mas a qualquer momento de pausa para o descanso, os pensamentos percorrem a distância da fazenda até a cidade e ficam mesmo concentrados na sede do grupo, sediada em uma das casas alugadas para este fim no centro da cidade.

Alexandre Andrade da Silva faz parte do grupo de jovens agricultores que liderou um dos principais blocos de carnaval de rua da cidade entre o final da década de 1990 e 2011, em Palmital. Os Atecubanos era um grupo carnavalesco formado exclusivamente por jovens homens palmitalenses. A festa era

esperada e preparada pelos foliões agricultores com bastante antecedência, sendo realizada sob a responsabilidade de seus integrantes com idades entre 16 e 18 anos. A tradição, na maioria dos casos, faz parte de mais tempo de história ligada ao carnaval, já que é transmitida entre pais e filhos. Os pais de Silva, por exemplo, já participavam do bloco “Sempre à toa”.

Após o trabalho da roça, o agricultor tem a parada certa no roteiro de volta pra casa ainda sujo do trabalho no campo. Da roça segue para o churrasco do carnaval, do churrasco para um banho em casa e de novo para a sede do bloco com destino à festa de rua até a madrugada. Silva lembra que várias vezes chegava em casa quase na manhã do dia seguinte e acordar para continuar o trabalho na roça era a parte mais difícil do dia. “A gente trabalhava durante o dia e às vezes tirava um cochilo quando estava carregando a máquina, ou então ia um pouco mais tarde para lavoura, por volta das 7h”, lembra com sorriso no rosto. Silva comenta que nesses dias dormia cerca de duas horas por noite para dar conta da dupla jornada,

entre o trabalho e a diversão carnavalesca.

Qualquer intervalo no trabalho da colheita era desculpa para passar na sede do bloco de rua para uma descontração entre uma função e outra. Na ida até a cidade para a compra de diesel, por exemplo, já era certa a pausa para esse divertimento.

Enquanto a colheita segue na roça, o almoço vai sendo preparado na cozinha de casa. A marmita chega quentinha quando o sol está a pino. Logo depois de se alimentar a sombra do caminhão o convida para um descanso ... Ah, a sombra do caminhão!! Ótimo local para um cochilo durante a sesta do almoço. "Dá saudade de lembrar desse tempo, era gostoso!", diz. A conversa dos jovens deixava de ser prioritariamente de agricultura e também dava espaço para o carnaval.

Já para Antônio César Tronco Rossini, filho de produtor da Água da Canela, no Sítio Santo Antônio, dificilmente as atividades mais frequentes do campo se chocava com a data do carnaval, já que a cultura cultivada por ele e seu pai era a cana. Nesse caso, a entrega do agricultor para a festa carnavalesca era total. Muitos, a exemplo de Antônio, dedicavam todo o seu tempo nesses cinco dias de festa ao carnaval e até dormiam na sede. Antônio começava a festança às 12h e seguia até o fim da noite, todos os dias. "Era só festa nesses dias. A minha função era vender os abadás. A maioria comprava no dia e a gente também segurava a venda para fazer suspense", conta.

Assim como ele, cada jovem participante do grupo Atecubanos exercia uma função na equipe de organização do bloco. Alexandre fazia os serviços de liderança e administração, mas cada um tinha o seu papel bastante definido, entre os cerca de 30 integrantes. Alexandre era um dos mais velhos e entrou no grupo após dois anos de existência dos Atecubanos.

Em 2005, os jovens agricultores realizaram o maior evento do bloco, tendo trocado a opção de

aluguel de residências para a sede do evento e passando para um espaço requisitado para a prefeitura, desta vez bastante maior. O local é onde atualmente são realizados os festejos dos blocos de rua, na antiga sede da Fepasa, na Avenida Reginaldo Leão, s/n. Em 2006, ano seguinte ao grande evento, o Poder Executivo Municipal assumiu a responsabilidade pelo som e a estrutura destinada aos blocos de carnaval de rua.

Silva comenta que em 2005 foram gastos aproximadamente 60 mil reais para o custeio da festa, que até aquele ano era exclusivamente responsabilidade dos blocos que participavam dos festejos. Até os anos anteriores, várias casas se tornavam recintos de blocos de rua que disputavam a adesão dos foliões com a melhor festa oferecida na ocasião. Cerca de 10 blocos aconteciam simultaneamente na cidade, número que continuou aumentando no decorrer dos anos. Todo o investimento do grupo naquele ano foi utilizado, entre outros custos, para o pagamento das 220 caixas de cervejas consumidas naquela ocasião. A Polícia Militar registrou nos cinco dias de festejos, a presença de 40 mil pessoas. Para o consumo durante o bloco, as mulheres compravam o abadá no valor de R\$ 30,00 e o homem ainda teria que arcar, além desse investimento, com R\$ 300,00 de taxa para aderir à consumação livre da festa.

A mãe de um dos jovens, Sônia Trovo, conta que naquele período o seu filho mais velho integrou a equipe dos Atecubanos, enquanto a filha mais nova frequentava outro bloco, os "Nós travamos". Ela lembra que ficava na espreita dos dois filhos, acompanhando-os de longe, já que tinham entre 13 e 16 anos. "Era momento de apreensão por conta deles estarem nos blocos, mas era gostoso porque também era uma oportunidade de reencontro das mães, que se reuniam nas ruas, fora dos blocos, mas de olho em seus filhos. Eu gostava", afirma. ■



ALIMENTO COMPLETO PARA CÃES ADULTOS

NOVA MCPA

**DuPet**

*Cães Adultos*

CONTÉM ÔMEGA 3,  
ÔMEGA 6  
E EXTRATO DE YUCCA

- + DESENVOLVIMENTO MUSCULAR
- + PELOS BRILHANTES
- + ENERGIA

 **RaçãoAnimal**  
Coopermota

PESO LIQ.

**15 kg**



**Apresentamos  
o novo conceito  
em inovação:**



t e c n o l o g i a  
**INDUCTOR**

INDUCTOR

  
**Ultra Mn10**

  
**Cubo700**

  
**Ultra Mn Corn**

  
**Ultra K10**

A tecnologia que despertou a atenção de pesquisadores de diversos países está agora disponível para você, produtor rural. A Tecnologia Inductor chegou para somar ao manejo fitossanitário das mais diversas culturas. Presente nos produtos Ultra Mn 10, Cubo 700, Ultra Mn Corn e Ultra K, conta com exclusiva tecnologia que estimula a defesa natural das plantas contra fungos causadores das principais doenças. Tecnologia Inductor – Qualidade e produtividade no agronegócio.

Accesse: [www.spraytec.com](http://www.spraytec.com) | Consulte sempre um engenheiro agrônomo.

  
**spraytec**